

nologia da dinastia severa, índices geral, onomástico e topográfico, glossário de termos antigos e imagens a preto e branco de boa qualidade e legibilidade. O único reparo a fazer é a ausência nos mapas de locais referidos no corpo textual. Destaca-se sobretudo uma vasta e actualizada bibliografia, na qual a autora separa as fontes coevas e fornece obras específicas para o estudo de cada uma delas, para além das obras historiográficas que preenchem as onze páginas que constituem a abundante bibliografia geral.

É um livro de leitura agradável e fluida, escrito num inglês acessível, no qual a A. intercala factos, personalidades e datas com exemplos de outras épocas e referências ocasionais ao que pensa terem sido os pensamentos, emoções e hipotéticas acções de Domna em determinado momento, o que torna a obra atraente a um público mais vasto e contribui para a divulgação da vida e actuação desta imperatriz romana, cumprindo o duplo e assumido objectivo de mostrar a pessoa actuante de Júlia Domna e fornecer o retrato do tempo de mudança que foi o da sua vida.

Aurora Mocho

MONICA SILVEIRA CYRINO, *Big Screen Rome*. Malden, Blackwell Publishing, 2005, 274 pp., ISBN 1-4051-1684-6.

O crescente interesse dos estudos clássicos por fenómenos da cultura de massas tem tido um dos seus reflexos mais significativos na publicação de obras centradas na questão da representação das civilizações da Antiguidade Clássica no cinema. Exemplo desse reflexo constitui *Big screen Rome* de Monica Silveira Cyrino, uma obra que, tal como o título indica, se centra na análise de filmes que se firmaram, na cultura popular do século XX, como expoentes identitários da noção de Roma. O conjunto de filmes analisados – *Quo vadis?*, *The Robe*; *Ben-Hur*, *Spartacus*, *Cleopatra*, *A funny thing happened on the way to the forum*, *Monty Python's life of Brian*, *History of the world, part I: the Roman empire sequence*, *Gladiator* – constitui, além disso, um núcleo validado pela experiência lectiva da autora. Partindo do pressuposto de que a apropriação e recriação do mundo romano pelos objectos cinematográficos revelam aspectos essenciais da relação dos espectadores com o mundo antigo e de que as imagens cinematográficas condicionam o contacto com os artefactos arqueológicos,

históricos e literários do passado antigo, bem como do pressuposto pedagógico de que, pelo seu sucesso, os filmes influenciam o ensino do estudo disciplinar dos estudos clássicos, M. S. C. levanta, na sua introdução, questões que associa ao projecto: podem estes filmes ajudar a ensinar? podem expandir o nosso conhecimento sobre o mundo antigo? podem ajudar a resolver a oposição entre cultura popular e investigação académica? podem os filmes elucidar acerca das aspirações, medos e receios da sociedade contemporânea? Para dar resposta a estas questões, a autora explora, nos capítulos subsequentes, a forma como a imagem de Roma antiga é reconstruída para as audiências modernas, favorecendo sempre a aproximação entre o passado e presente ao discorrer, de forma circunstanciada, sobre os elementos que esses filmes transmitem acerca da sociedade contemporânea.

O objectivo, expresso pela autora, de proporcionar por meio do livro uma conexão profícua entre antiguidade e modernidade, através do prisma do filme, constitui uma preocupação bem visível ao longo dos capítulos, que podem ser agrupados em quatro núcleos temáticos: filmes de tema religioso (*Quo Vadis?*, *The robe* e *Ben-Hur*); filmes de tema secular (*Spartacus* e *Cleopatra*); comédias (*A funny thing happened on the way to the forum*, *Monty Python's life of Brian*, *History of the world, part I: the Roman empire*); e um núcleo autónomo, constituído por um estudo isolado de cinquenta páginas, dedicado a *Gladiator*.

A análise de cada filme divide-se em secções, que se repetem de forma simétrica em todos os capítulos: além da ficha técnica, a autora apresenta sempre um resumo cuidado do filme («Plot outline»), chamando a atenção para aspectos relevantes da história e da narrativa que comentará mais adiante. Em seguida, em uma secção que intitula «Ancient background», M. S. C. apresenta o contexto histórico real em que se desenvolve a acção do filme (no capítulo sobre *A funny thing...*, apresenta, muito pertinentemente, as convenções da comédia romana). Em seguida, em «Background to the film» apresenta os antecedentes dos temas e personagens na literatura, no teatro e em versões cinematográficas anteriores às analisadas, fazendo referência às circunstâncias históricas que motivaram essas produções e o interesse da época nos temas e personagens, detendo-se, no final da secção, nas circunstâncias da produção e realização do filme em análise. Em «Making the movie» a autora fornece informação detalhada sobre a escrita, produção e realização do filme, incluindo aspectos tão vastos como as razões que presidem à escolha dos actores e dos locais de filmagem.

Na última secção «Themes and interpretations», M. S. C. detém-se na correlação entre a produção do filme e o contexto social, cultural e político em que surgiram. Neste particular, ganham especial relevância as respostas cinematográficas ao conflito jazente da II Guerra Mundial, à guerra fria e ao período do McCarthismo. Deste modo, ao fazer subentender aos filmes que analisa um conjunto de interpretações que radicam na crítica à brutalidade dos regimes de Hitler e Mussolini (que exemplifica, entre outros, com a determinação de Nero em exterminar os cristãos em *Quo Vadis?*), ao ateísmo dos países comunistas em relação ao qual a religiosidade americana se reforça como valor de oposição (*Quo vadis?*, *The Robe*; *Ben-Hur*), e ao próprio sistema americano, dominado pelo comité liderado pelo senador McCarthy (que ecoa na figura de Tibério em *The Robe* e *Ben-Hur*, e em Crasso, no filme *Spartacus* de Ridley Scott), M. S. C. transforma o sentido aparentemente unívoco das narrativas fílmicas em testemunhos poliédricos de um época com várias tendências em conflito. A relação com a América expande-se ainda nas inúmeras correlações não só com factos políticos, mas também com o *status* social e cultural da época de produção dos filmes. Exemplos dessas conexões são, entre muitas outras, a referência à luta pelos direitos civis, que ecoam em *Spartacus*, a satirização, através da personagem do *Miles Gloriosus*, da cultura marcial em *A funny thing...*, que não deixa de responder a uma América dominada pelo conflito do Vietname e cada vez mais militarizada ou ainda a exposição do tratamento dos escravos, no mesmo filme, como veículo de demonstração da actual injustiça social e económica. Também o tratamento de temas relacionados com a sexualidade e o estatuto da mulher na sociedade são caros a Cyrino, como bem o demonstram as análises das personagens femininas à luz dos modelos sociais antagónicos, de que são exemplo, nos filmes religiosos, as personagens de mulheres cristãs, paradigmas de serenidade, abnegação e integridade, que se opõem ao modelo reprovável de *femme fatale*, encarnado pelas romanas pagãs. Realce-se também a análise de *Cleópatra*, na qual a autora põe em relevo a emancipação da mulher e a mudança nas mentalidades no tocante à construção da sexualidade feminina, que se projecta no tratamento fílmico da rainha do Egipto.

A análise da paródia a géneros e filmes consagrados constitui-se como um eco interno no livro de Cyrino, na medida em que a autora integra, sobretudo no estudo de *Monty Python's life of Brian*, relevantes considerações sobre a desconstrução de temas e motivos desenvolvidos

em filmes analisados em capítulos precedentes. Estas considerações não perturbam, no entanto, a ligação ao mundo contemporâneo, uma vez que a autora não deixa de extrair da acção da comédia dos Monty Python, que associa ao tema da celebração das liberdades individuais, a crítica à formação de organizações religiosas modernas e às estruturas autoritárias. De igual forma, também em *History of the Roman...* a paródia a géneros e filmes não impede a mensagem de significado social e psicológico, realçada por M. S. C., que correlaciona elementos da comédia com a revolta contra a repressão dos desejos humanos e vê no tratamento da crueldade dos romanos antigos um ataque à relevância da autoridade militar e à burocracia, potenciador de um retrato da América dos finais dos anos 70, dominado pela perda de importância das instituições governamentais na vida dos indivíduos. As alusões a temas como a sexualidade e as drogas evidenciam ainda, segundo a autora, a maior permissividade associada às sensibilidades do início da década de 80.

O último capítulo dedicado a *Gladiator* constitui um estudo de cinquenta páginas centrado no «renascimento» do filme épico e nas inovações que Ridley Scott imprimiu ao género. Sem deixar de evocar semelhanças e dissemelhanças com épicos anteriores, M. S. C. reflecte quer sobre tópicos intragenéricos, como a questão da definição de heroísmo, quer sobre tópicos sociais tão distintos como a ligação do filme ao mundo desportivo e ao sentimento social do regresso aos valores tradicionais da família, à simplicidade e à espiritualidade. No campo político, que M. S. C. privilegia como elemento central, é profícuca e circunstanciada a ponderação da correlação entre Roma e a América dos anos 80, que a autora evidencia ao considerar que o tema principal do filme consiste no conflito entre duas visões opostas, a de Máximo e a de Cómodo, relativamente ao que Roma/América deveriam ser. Neste sentido, *Gladiator* constitui também um convite à reflexão relativamente ao facto de se um império tem o direito de exportar a sua definição de justiça e liberdade, bem como um alerta para a vulnerabilidade desta ideia à manipulação dos políticos. M. S. C. não deixa de evidenciar a alteração que *Gladiator* opera em relação à visão de Roma, transmitida por filmes anteriores. Neste sentido, a fórmula em que o Império veste a roupagem do opressor e em que os oprimidos são invariavelmente cristãos, judeus ou escravos, ou ainda facções romanas que vivem sob a influência corrupta do poder, é substituída em *Gladiator* por uma nova visão, na qual o Império Romano é opressor dos seus próprios valores e desígnios enquanto república.

O cotejo da leitura do livro de M. S. C. com os objectivos enunciados na sua introdução permite constatar que a autora cumpre plenamente as suas intenções, contribuindo, deste modo, não só para a formação de um corpus bibliográfico atractivo e de qualidade sobre as relações da Antiguidade Clássica e cinema, mas também para a sedimentação da ideia de que a cultura e a história clássicas auferem de um enorme potencial no desenho de temas contemporâneos tão controversos como os da religião, sexualidade, sociedade e política.

Cláudia Teixeira

MARIA DA LUZ DE G. VELLOSO DA COSTA HUFFSTOT, *As Origens do Cristianismo na Lusitânia*. Lisboa, Universidade Lusíada Editora, 2008, 178 pp., ISBN 972-8883-41-2.

A Autora (n. no Porto, 1961), actualmente professora na Universidade Lusíada de Lisboa, apresenta-nos, como resultado de cinco anos de investigação, a sua tese de doutoramento, dirigida pelo Doutor Luís García Moreno, da Universidade de Alcalá de Henares (Espanha), apresentada a júri em Janeiro de 2003. O doutoramento na Universidade Lusíada (Lisboa) foi feito no âmbito de História Medieval (Antiguidade Tardia).

O livro, após uma introdução geral (pp. 17-21), encontra-se dividido em três capítulos: I – Fontes escritas e arqueológicas (pp. 23-77); II – Génese do Cristianismo na Lusitânia (pp. 79-111); III – Ortodoxia versus Heterodoxia na Lusitânia (pp. 113-153). Termina com uma conclusão geral (pp. 155-161) e bibliografia, subdividida em fontes (pp. 165-166) e estudos (pp. 167-178). Cada capítulo abre com uma pequena introdução onde se expõe o seu objectivo e encerra com uma conclusão onde se resumem os principais aspectos estudados. A temática global escolhida «procura reconstituir o processo de cristianização desde a sua origem, na província mais ocidental do Império Romano» (p. 17).

Na introdução geral enunciam-se os vários problemas adiante retomados e debatidos, estabelece-se a cronologia, enumeram-se as fontes, indica-se o método e define-se o objecto.

Precisam-se os limites da Lusitânia nas divisões da Hispânia feitas por Augusto nos anos 27 a. C. e c. de 15 a. C. que, apesar de pequenas variações, iriam manter-se ao longo do Alto Império e não